Revista Fórum IDENTIDADES

Prisioneiros *herero* da guerra colonial alemã na África pela visão de Uwe Timm

Herero prisoners from the German colonial war in Africa as seen by Uwe Timm

Denise Rocha[1]

Resumo: Em 12 janeiro de 1904, o chefe supremo dos *herero*, Samuel Maharero (1856-1923), professor e missionário formado no Colégio *Augustineum* da missão luterana de Otjimbingwe, na África Alemã do Sudoeste (atual Namíbia), altamente endividado com comerciantes germânicos, e com plano de retomada de territórios comercializados por ele mesmo, iniciou um ataque em Okahandja e entorno, sem aviso, a fazendeiros germânicos, a funcionários e a militares com o resultado de 123 mortos. Em 11 de agosto do mesmo ano, as tropas mal equipadas de Maharero estavam reunidas em Omahakari, na região da montanha Water (Waterberg), ao norte, e foram derrotadas pelas forças do General Lothar von Trotha. Os sobreviventes, acompanhados de mulheres, crianças, idosos e do gado, evadiram-se pelo desfiladeiro de Omakeke, rumo ao deserto de Kalahari. Maharero, que antes havia pedido asilo político para o governador da colônia inglesa Beschuanaland (atual Botsuana), a leste, fugiu com membros da nobreza local, e abandonou seus guerreiros. O objetivo do estudo do romance *Morenga*, de Uwe Timm, é apresentar as vulnerabilidades dos soldados e familiares largados no deserto, capturados em épocas diferentes pelos alemães, e transportados para campos de prisioneiros, supervisionados por religiosos germânicos; alguns levados para trabalho obrigatório em manutenção de obras, em construções de ferrovias, em minas e em fazendas. A análise será baseada nos conceitos de 'imagem', de Peter Burke, e de 'metaficção historiográfica', de Linda Hutcheon.

Palavras-chave: Literatura pós-colonial alemã. Imagem. Metaficção historiográfica.

Abstract: On January 12, 1904, the supreme chief of the Herero, Samuel Maharero (1856-1923), a teacher and missionary trained at the Augustineum College of the Lutheran Mission Otjimbingwe, South West Africa (presente-day Namibia) – launched a surprise attack in Okahandja and the surrounding area against German farmers, officials, and military personnel, resulting in 123 deaths. He was heavily in debt to German merchants and had planned to reclaim territories he had previously sold. On August 11 of the same year, Mahareros´s ill- equipped troops, gathered at Omahakari in the Waterberg region to the north, were defeated by the forcers of General Lothar von Trotha. The survivors – accompanied by women, children, the elderly, and their cattle - fled through the Omaheke Pass toward the Kalahari Desert. Maharero, who had previously sought political asylum from the governor of the British colony of Bechuanaland (presente-day Botswana) to the east, fled with members of the local nobility, abandoning his warriors. This study of the novel Morenga by Uwe Timm aims to examine the vulnerabilities of the soldiers and their families who were left behind in the desert; they were captured by the German at various times and transported to prisoner camps overseen by German religious figures, with some being sent to perform forced labor on infrastructure maintenance, railway construction, mining, and farm work. The analysis is based on Peter Burke´s concept of 'image' and Linda Hutcheon's concept of 'historiographic metafiction'.

Keywords: German postcolonial literature. Image. Historiographic metafiction.

---

1. Doutora pela UNESP, Assis. Pós-Doutoranda na área de Língua e Literatura Alemã, na FFLCH/USP, sob supervisão do Prof. Dr. Stefan Wilhelm Bolle. E-mail: rocha.denise57@gmail.com. ORCID

Submissão: 20 jul. 2026 ⊶ **Aceite**: 16 set. 2026

10.47250/forident.v43n1.p27-39

Introdução

Fig. 1 - Prisioneiros *herero* (1904)
Homens, mulheres e crianças



Fonte: https://www.nw.de/nachrichten/kultur/kultur/22416808_Verdraengte-Geschichte-OWL-erforscht-sein-koloniales-Erbe.html.

Em busca de experiências, principalmente, sobre uma bélica fase da historiografia alemã desencadeada, no ano de 1904, por Samuel Maharero (1856-1923), líder dos *herero*, que resultou em aprisionamentos e atividades forçadas, Uwe Timm (1940), em 1976, visitou a Namíbia, a antiga África Alemã do Sudoeste (1884-1919). O escritor buscou documentos oficiais, mapas e fotografias em arquivos e acervos locais, além dos nacionais sobre o período colonial no sul do Atlântico. Timm consultou obras de História, as quais se refletiram em intertextualidades explícitas e implícitas na obra *Morenga* (1978). O título refere-se a um mercenário mestiço, Jacob Morenga (1875-1907), que foi apoiado por ingleses para tumultuar o Protetorado alemão, situado entre a fronteira com Kapstadt, a colônia britânica, e com Angola, a colônia lusa.

A África Alemã do Sudoeste era um Protetorado rico em minas, e destinado ao assentamento de germânicos em áreas rurais. Era necessária a força de trabalho local nas extrações de minerais, nas lavouras e nas criações de gado, carneiro e cabra, bem como na construção de linhas ferroviárias, de pontes, de infraestruturas militares e civis e de manutenções. A questão da mão de obra nativa, necessária para a consolidação da engrenagem geoestratégica, política, econômica e comercial colonial, foi, de certa forma amenizada, depois dos inesperados ataques de Samuel Maharero aos alemães, em 12 de janeiro de 1904, e a posterior prática alemã de aprisionamento dos revoltosos em campos específicos.

Phillip Diehl, missionário em Okahandja, escreveu, em 1906, ao órgão Central da Missão na Alemanha: "É interessante que estes campos de concentração eram localizados, frequentemente, em locais, onde havia a necessidade de mão de obra. É claro o motivo subjacente: trabalho forçado, especificamente, para impulsionar a construção de ferrovias"[2] (Hollenbach, 2022, p. 1).

2. Tradução de Denise Rocha.

10.47250/forident.v43n1.p27-39

O objetivo do estudo, "Prisioneiros *herero* da guerra colonial alemã na África pela visão de Uwe Timm", é apresentar, segundo a perspectiva do veterinário Gottschalk e a do narrador, a situação terrível dos detidos em campos, bem como as destruições provocadas por eles, como a morte de civis e militares, o incêndio e a explosão de construções de alvenaria etc. (1904 a 1907).

A análise da obra, classificada como 'metaficção historiográfica' (Hutcheon), apresentará o entrelaçamento histórico-ficcional: 1) O posicionamento bélico e traiçoeiro de Samuel Maharero, que, sem declaração de guerra, ordenou o ataque a alemães (janeiro de 1904) em fazendas e vilas; e 2) A derrota na batalha de Warteberg, em 11 de agosto do mesmo ano: a fuga covarde de Maharero e de outros chefes rumo a Beschuanaland, e o abandono de súditos e familiares, enviados para lutarem contra os colonizadores germânicos, em regiões inóspitas; a captura deles, aniquilados pela fome, pela sede e pela doença; e o encarceramento em campos de Swakopmund, Karibik, Okahandja, Windhuk e Lüderitz.

A pesquisa sobre *Morenga*, de Uwe Timm, apresentará, segundo o conceito de 'imagem' (Burke), retratos literários sobre a época colonial na África Alemã do Sudoeste e descrições de fotografias mencionadas e encontradas, principalmente, no Arquivo Geral de Berlim. Figuras estéticas de colonizadores e de colonizados perpassam a narrativa, e, segundo Peter Burke na obra, *Testemunha ocular: história e imagem,* elas seriam evidências do passado, "indícios" comunicantes, que podem ser novas testemunhas na reconstrução do passado: "as imagens, assim como textos e testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunho ocular" (Burke, 2004, p. 17), e estão mencionadas, inclusive, em descrições de fotos de arquivos, de alemães e de nativos, no romance de Timm.

A África Alemã do Sudoeste (1884-1919): o apoio militar do governador para Samuel Maharero, usurpador do trono *herero*

Antes da fundação do Protetorado da África Alemã do Sudoeste, no ano de 1884, após aquisição de terras aos nativos na região litorânea da Angra Pequena e adjacências, em 1883, por Heinrich Vogelsang em nome de Adolf Lüderitz, para a fundação de um entreposto comercial, o amplo território localizado no Atlântico pertencia a inúmeras etnias.

Do território ao sul, em posse dos ingleses, partiram muitos evangélicos que construíram estações missionárias com a autorização de chefes locais. Entre eles, se destacou o pastor luterano e linguista alemão, Carl Hugo Hahn (1818-1895), da Sociedade Missionária Renana, que fundou, em 1849, um núcleo cristão em Otjimbingwe, que se tornou a capital alemã de 1885 a 1891. Nessa localidade, que era sede dos Zeraeua, uma linhagem dos *herero*, foram descobertas minas de cobre, em 1856. Hahn fundou, em 1866, o Colégio *Augustineum* (Carl, s.d., p. 1), no qual Samuel Maharero (1856-1923) obteve a formação de professor e de evangelizador luterano.

10.47250/forident.v43n1.p27-39

Depois do falecimento, em 1890, do patriarca Maharero ka Tjamuaha (c. 1820-1890), conhecido como Kamaharero, detentor de propriedades férteis com fontes de água e criador de gado, quatro filhos herdaram terras e bovinos, enquanto, que Samuel obteve somente a casa paterna, mas, ele recebeu o apoio político de Curt von François (1852-1931), governador geógrafo, cartógrafo e oficial da Tropa de Proteção, e de comerciantes locais.

Em junho de 1894, Samuel Maharero foi expulso de Okahandja por outros chefes *herero*, e usurpou o trono de chefe supremo com a proteção militar de Theodor Leutwein (1849-1921) que governou nos anos 1894 a 1905. Em 1896, o primogênito de Samuel, Frederick Maharero (1875-1952), e outros *herero* viajaram para a Alemanha, com o objetivo de participação na *Berliner Kolonialausstellung/ Exposição Colonial de Berlim,* que tinha reproduções de aldeias das colônias africanas e asiáticas com exibição de danças etc. Frederick apresentou-se com cavalos, foi recebido pelo Imperador Wilhelm II (1859-19141) e permaneceu um ano na capital (Frederick, s.d., p. 1). Esse departamento da exposição colonial estava inserido na *Gewerbeausstellung/Feira Comercial*, realizada de 1. de maio a 15. outubro de 1896.

Em 1897, a situação econômica dos *herero* piorou, por causa de uma severa seca e de uma praga de gafanhotos. Maharero, que cedeu súditos para trabalhos rurais, vendeu propriedades de sua etnia aos alemães e adquiriu muitas dívidas devido ao seu estilo de vida luxuoso. Alcoólatra compulsivo, ele se enfureceu no início da construção da ferrovia de Tsumeb ao porto de Swakopmund, pela OMEG, a *Otavi-Minen- und Eisenbahgesellschaft/Companhia de Mineração e Ferrovia de Otavi*, para prospecção e transporte de cobre, que passaria em terras *herero*, pois acreditava ter que autorizar o empreendimento, em 1903 (Samuel, s.d., p. 1).

A guerra não anunciada de Samuel Maharero (1856-1923) contra os alemães e a derrota (1904)

Fig. 2 – Samuel Maharero (1856-1923)



Chefe supremo dos *hereros* com farda da Tropa de Proteção Alemã
Arquivo Federal Alemão, Berlim, foto (ca. 1895-1904)

Fonte: https://www.bild.bundesarchiv.de/dba/de/search/?topicid=dcx-thes_personen_77587w8dxurx4kvyamy.

10.47250/forident.v43n1.p27-39

Maharero mantinha um cotidiano ocidentalizado, residia em uma grande casa de alvenaria e devia muito dinheiro aos comerciantes alemães. Apesar da ajuda política e militar dos governadores, Curt von François e Theodor Leutwein, em seus conflitos com outros *herero*, ele tramou um golpe, e ordenou o ataque **e**m 12 de janeiro de 1904, principalmente, contra fazendeiros, com o resultado de 123 mortos.

No dia 14 de janeiro, seus soldados a cavalo chegaram a Omarasa e destruíram os correios de Waldau e Waterberg; a estação militar dessa localidade foi ocupada e ocorreu a morte de todos os soldados sob o comando do sargento Gustav Rademacher. Maharero facilitou a partida de missionários e de algumas mulheres e crianças alemãs até Okahandja, onde chegaram em 9 de abril. No dia 16 de janeiro Gobabis foi sitiada, e perto de Otjiwarongo uma companhia militar germânica foi emboscada e aniquilada (Samuel, s.d., p. 1).

Desde os confrontos dos *herero* na região de Okahandja, em janeiro de 1904, soldados foram presos com familiares, pois eles participavam dos enfrentamentos com parentes ao longe, seguidos pelo gado. Muitos homens capturados, membros de clãs pastoris, foram confinados em campos, supervisionados por missionários luteranos da Missão Renana, e se considerados aptos para o trabalho, eles foram obrigados à execução de atividades, inicialmente, sem salário.

O processo de recrutamento de homens e de mulheres, autorizado pelas autoridades coloniais, possibilitou que a firma de navegação *Woermann Linie* de Hamburg, responsável pelo transporte de civis e de militares, de equipamento militar, de mantimentos, de medicamentos e de animais etc. para a África Alemã do Sudoeste, abrisse seu próprio campo. A época da administração colonial na África Alemã do Sudoeste (1884-1919) tem vários documentos, civis e militares e, principalmente, fotografias sobre as lutas dos *herero*, a captura e a vida nos campos de prisioneiros.

Depois do início dos ataques em 12 de janeiro, e apesar da superioridade do armamento e do contingente de soldados da Tropa de Proteção, Maharero ordenou o reagrupamento militar ao norte, em Ohamakari, na região da montanha Water, perto do deserto de Kalahari. Era uma guerra perdida, devido ao poder do exército profissional germânico com moderno material bélico (metralhadoras, artilharia moderna e infantaria disciplinada), contra uma coalisão fraca, constituída por clãs rivais, com dificuldades logísticas e armamento inferior (rifles obsoletos, insuficiente munição, lanças azagaias e porretes).

A reação agressiva alemã ocorreu no dia 11 de agosto de 1904, e grupos *herero* se dispersaram pela paisagem com areias, ventos, chuvas raras e águas escassas. Em 21 de agosto, o governo de Berlim ofereceu uma recompensa de 5000 Marcos pela captura de Samuel Maharero e 1000 Marcos para o aprisionamento de outros chefes (Gewald, 1999, p. 171). O rico Maharero, que antes havia pedido

10.47250/forident.v43n1.p27-39

asilo político ao governador inglês de Beschuanaland, a leste, fugiu com a elite, os súditos e os serviçais, e permaneceu na colônia em situações de vulnerabilidade e de extrema precariedade na condição de vassalo de Sekgathôlê a Letsholatêbê, um chefe que vivia ao norte da colônia britânica (Samuel, s.d., p. 1).

Depois de mais de 20 dias de descanso do embate de agosto, algumas tropas alemãs, no início de setembro de 1904, começaram a capturar *herero*, em épocas distintas, no amplo deserto e encontraram diversos cadáveres humanos e de animais, bem como seres humanos esquálidos, sedentos, famintos e doentes. Outros tinham se refugiado no outro lado da região desértica, e foram contatados por intermediários dos alemães, alguns missionários, a fim de se apresentarem sem risco de morte, mas com entrega de armas e confinamento.

Jan-Bart Gewald esclarece no artigo, *Herero heroes*, que os prisioneiros *herero* eram classificados pelos alemães em "inaptos para o trabalho" e em "aptos para o trabalho" (Gewald, 1999, p. 189), os quais eram designados para atividades a civis ou ao governo. Em relação ao campo de Swakopmund, no litoral, a lista da autoridade responsável informava ao governo central sobre o "registro de óbitos" com detalhes sobre as causas: exaustão, bronquite, parada cardíaca e tifo (Gewald, 1999, p. 189).

Fig. 3 – Soldados e familiares abandonados no deserto por Samuel Maharero (1904)



Fonte: https://www.historeo.de/datum/1904-herero-aufstand.

A partir de novembro de 1905, o novo governador Friedrich von Lindequist (1862-1945) introduziu a prática de pagamento do trabalho, a fim de conseguir prisioneiros motivados para atividades com os alemães, segundo Jonas Kreienbaum no antigo *Friedrich von Lindequist, koloniale Konzentrationslager und transimperiales Lernen/Friedrich von Lindequist, campo de concentração colonial e aprendizagem transimperial* (Kreienbaum, 2016, p. 83).

10.47250/forident.v43n1.p27-39

Cerca de 50 a 100 *herero* foram pedidos pela firma *Gibeoner Schürf- und Handelsgesellschaft /Empresa de Prospecção e Comércio de Gibeon* para tarefas nas minas, e transportados em trens para o sul (Gewald, 1999, p. 186). Outros trabalharam para a empresa *Lenz & Co.* na construção da estrada de ferro, que passava pelo rio Aus, no trajeto de Keetmannshoop para o porto de Lüderitz,[3] ao sul, nos anos 1906 e 1907 (Cardoso, 2018, p. 11).

Em, *Das Jahrhundert der Lager. Gefangenschaft, Zwangsarbeit, Vernichtung/ O século dos campos. Aprisionamento, Trabalho Forçado e Destruição,* de Joël Kotek e Pierre Rigoulot, é mencionado que, Traugot Tjienda, chefe *herero* de Tsumed, teve de trabalhar dois anos na construção da linha férrea de Otavi (Kotek; Rigoulot, p. 81, 2001).

Os episódios, acima elencados, sobre as guerras, os aprsionamentos e os trabalhos obrigatórios são abordados no romance *Morenga*, segundo as percepções de Gottschalk, o veterinário da Tropa de Proteção, escritas em um diário, e as impressões do narrador.

Reflexos dos embates entre os *herero* e os alemães (1904) em *Morenga*

O romance de Uwe Timm, publicado em 1978, que causou grande impacto na sociedade alemã, por desnudar os mecanismos coloniais germânicos no sul da África, ***é*** uma narrativa de montagem, com inserção de documentos oficiais e inclusão de trechos de obras históricas, que têm elementos do "novo romance histórico", surgido nos anos 1980. Ela pode ser classificada como 'metaficção historiográfica', um termo de Linda Hutcheon, que apareceu na obra *Poéticas do pós-modernismo*: História, teoria, ficção. A autora enfatiza que narrativas sobre a historiografia oficial, que celebravam os feitos dos poderosos, passam a ser contestadas, de forma reflexiva, paródica, didática, irônica e intertextual em textos, que se contrapõem aos mecanismos do poder (Hutcheon, 1991, p. 13-14; 250).

Na narrativa polifônica com vozes de germânicos e de nativos destacam-se os conflitos entre os *herero* e os alemães, ocorridos em 1904. No entanto, o narrador menciona vários elementos da cultura desses pastores seminômades, antes da consolidação do período colonial. Eles viviam ao norte do amplo território, perto do rio Kunene, que já havia sido demarcado como fronteira da Angola lusa; tinham chefes e eram detentores de amplas terras irrigadas e de imenso rebanho

3. No dia 9 de dezembro de 1904, Bernhard von Bülow, o Chanceler do Reino Alemão, ordenou a Lothar von Trotha, Comandante-em-chefe da Tropa de Proteção, a construção de campos de concentração, baseado no modelo dos campos ingleses para os prisioneiros da II Guerra dos Bôeres (1899-1902), na África do Sul. Surgiram os campos em Swakopmund, Karibik, Okahandja, Windhuk e Lüderitz. Neste havia dois campos: um para os *herero* para trabalhos em minas, na doca da baía (a antiga Angra Pequena), na construção de casas e estradas, e, o outro, na Ilha do Tubarão, destinado aos presos de diferentes etnias, envolvidos em confrontos militares no sul (Cardoso, s.d., p. 13).

10.47250/forident.v43n1.p27-39

bovino. Nessa época destacavam-se duas linhagens dos *herero*: os Zeraeua e os Maharero, os quais venderam terras para os estrangeiros e contraíram dívidas com comerciantes, e que são mencionados na obra de Timm.

Zeraeua tinha muitas manadas de gado e era guardião do ritual do fogo sagrado dos ancestrais e do gado sagrado. Ele iniciou o armamento de sua tribo (arma, bala e pólvora) com o comerciante Lewis (Timm, 2003, p. 179 e 180). Por causa da seca, no ano de 1867, Zeraeua, migrou de Otjimbingwe para a região de Omaruru, onde assinou um contrato de venda de parte de suas terras para William Coates Palgrave (1833-1897), representante dos ingleses da Comissão Palgrave (1876-1885). Em 1876, ano da morte de Zerauea, ele pediu ao missionário alemão Gottliebe Viehe para ser batizado com o nome de Christian Wilhelm, e teve sucessão dupla: o genro Manasse Tyseseta, em Omaruru, e o filho Zacharias Zeraeua, como chefe em Otjimbingwe. Este vendeu aos comerciantes locais, Gustav Roesemann e Eduard Hälbich, terras que tinham a fonte de água Otjandjomboimwe, região na qual passaram os trilhos da ferrovia com ligação para Karibik (Zacharias, s.d. p. 1).

Maharero ua Tjamuaha, conhecido como Kamaharero (c. 1820-1890), vivia em conflito, por causa dos pastos com Jonker Afrikaner, o herdeiro Christian Afrikaner e o meio-irmão, Jan Jonker Afrikaner, membros da etnia *Nama Hoachanas* (*Rote Nation, Nação Vermelha*) que eram ajudados pelos *Nama-Orlam*, oriundos do sul da África. Samuel Maharero (1856-1923), um dos filhos de Tjamuaha, conseguiu a chefia suprema dos *herero,* apesar de não ser herdeiro do trono, com a proteção militar do governador alemão Theodor Leutwein (1849-1921).

No dia 26 de novembro de 1894, em Omaruru, Leutwein mediou um acordo de paz e de união entre os *herero*: Zacharias Zeraeua (falecido em 1915), Manasse Tyiseseta (1850-1898) e Samuel Maharero.

Os motivos do envolvimento de Zacharias Zerauea e de Samuel Maharero contra os alemães, em 1904, são de natureza pessoal: Zerauea estava revoltado com o assassinato de sua nora (1903) por um alemão e a pena de três anos, considerada muito baixa; e Maharero tinha muitas dívidas e boicotava a construção de estrada de ferro em antigas terras de sua etnia. Zacharias Zeraeua de Otjimbingwe participou do conflito armado deflagrado por Samuel, somente onze dias depois, em 23 de janeiro, apesar do aconselhamento do missionário Johannes Olpp, ciente da superioridade bélica germânica. Seu grupo foi derrotado em 16 de fevereiro em Lievenberg, mas, ele fugiu para se unir a Maharero. Depois da derrota na batalha de Waterberg, em 11 de agosto, Zacharias Zerauea e outros líderes recuaram para Omuramba. No dia 9 de janeiro de 1905, ele se entregou com 470 soldados, em Owinaua-Naua, ao Major von Estorff (Zacharias, s.d. p. 1), mas Samuel Maharero fugiu para Beschuanaland.

10.47250/forident.v43n1.p27-39

No romance *Morenga*, Samuel aparece jovem e adulto: o filho do chefe Maharero ua Tjamuaha, que foi acusado injustamente de furto de frutinhas silvestres utilizadas para a fabricação de destilado para o chefe Jonker Afrikaner: um ladrão de gado *herero*, fumante de cigarros Sumatra, e cuja esposa usava roupa ocidental como vestido rodado e botinhas com laços. Samuel foi amarrado à roda de um carro de boi e esteve exposto por vários dias ao sol inclemente e ao frio noturno (Timm, 2003, p. 254).

Como chefe dos *herero*, o luterano Samuel Maharero foi procurado pelo pastor representante da Igreja da Etiópia, Klaas Shepperd ou Shepherd Stuurman (c. 1874-1904), proveniente da colônia Kapstadt, a fim de ser evangelizado (Timm, 2023, p. 96). O líder supremo é mencionado também em dois episódios históricos vinculados a conflitos militares contra os alemães, em 1904: no dia 12 de janeiro, na região de Okahandya, e em 11 de agosto na Waterberg (Timm, 2003, p. 45).

Morenga tem dois núcleos temáticos: 1) *Landeskunde* (*Estudos da terra*) a respeito da chegada dos missionários, dos comerciantes e dos compradores de terras, antes da colonização alemã, iniciada em 1884; e 2) *Gefechtsberichte* (*Relatos das batalhas*) sobre os conflitos contra os alemães, o de 1903 (os *Bondelszwart*), o de 1904 (os *Hereros*) e os de 1904 a 1907, com povos de diversas etnias, por motivos diferentes, com destaque para os *khoikhoi*, conhecidos como *hottentoten/gagos* (nome pejorativo colonial por causa do tipo de pronúncia do idioma) e como *Witbooi-Orlam (nama)*.

Essa parte militar da narrativa tem, de um lado, a relevância da chegada da Tropa de Proteção, em 17 de outubro, na África Alemã do Sudoeste, depois dos ataques de Maharero, em janeiro de 1904, e as expectativas do grupo que seguiu de Hamburg, em 28 de setembro do mesmo ano, a bordo do navio *Gertrud Woermann*, rumo a Swakopmund, o porto atlântico. E, de outro, as experiências de Johannes Gottschalk, um dos voluntários da unidade militar, na viagem de trem por Karibik até a capital Windhuk, durante a qual, ele pode ver as destruições em estruturas coloniais, as cruzes colocadas nos locais dos assassinatos perpetrados por grupos liderados por Maharero, além da vida dos capturados, depois dos eventos em Okahandja (janeiro de 1904) e em Waterberg (agosto), com liderança expressiva do Coronel Berthold von Deimling (Timm, 2003, p. 45).

No deslocamento por linhas ferroviárias, o veterinário observou o trabalho obrigatório dos presos na retirada da areia dos trilhos dos trens, e se abalou com o duro cotidiano das pessoas no campo de prisioneiros, em Windhuk, capital da África Alemã do Sudoeste.

10.47250/forident.v43n1.p27-39

Fig. 4 – Prisioneiro sentado nos trilhos antes de tirar areia



Fonte: https://www.dhm.de/lemo/kapitel/kaiserreich/aussenpolitik/die-kolonie-deutsch-suedwestafrika.

Durante a viagem até Windhuk, em outubro de 1904, os militares, que temiam ataques dos *herero*, pararam, à noite, em um posto militar coberto com zinco, rodeado de sacos de areia, de tanque de água, de montes de carvão e com uma cruz de madeira: "O funcionário, que estava a posto, foi morto no início do levante dos *herero*. A casinha da estação estava ocupada por seis homens do destacamento ferroviário" (Timm, 2003, p. 24)[4] Depois de quatro horas de viagem, os alemães viram uma brigada de prisioneiros *herero*, acorrentados a dois, que tiravam areia da ferrovia: "Ao lado estavam dois seguranças. Um fumava um cachimbo", e "Um dos capturados usava uma gola alta esfarrapada, provavelmente como proteção contra a corrente de ferro que roçava o pescoço" (Timm, 2003, p. 25). A estação de trem de Waldau estava em ruínas: "Na fachada marrom clara, era possível ver pelas janelas vazias marcas de incêndio com fuligem" (Timm, 2003, p. 27).

Na capital Windhuk havia uma caserna, uma pequena vila, um curral de ovelhas, de cabras e de gado confiscados aos revoltosos e, ao lado, o campo de prisioneiros *herero*, cercado com arame farpado, e com guardas munidos com baionetas. Gottschalk, conforme consta em seu diário com a data de 23 de outubro de 1904, viu atrás da cerca "pessoas agachadas, mais parecidas com esqueletos, não, algo no meio entre pessoas e esqueletos. Amontoados e sentados, a maioria sem roupa, expostas ao sol penetrante" Ele disse ao veterinário chefe Moll que somente havia mulheres e crianças, e ouviu que a separação dos homens seria por causa do coito realizado à luz do dia. O veterinário Wenstrup narrou a Gottschalk que muitos prisioneiros morriam devido a tifo, disenteria e subnutrição (Timm, 2003, p. 32 e 33).

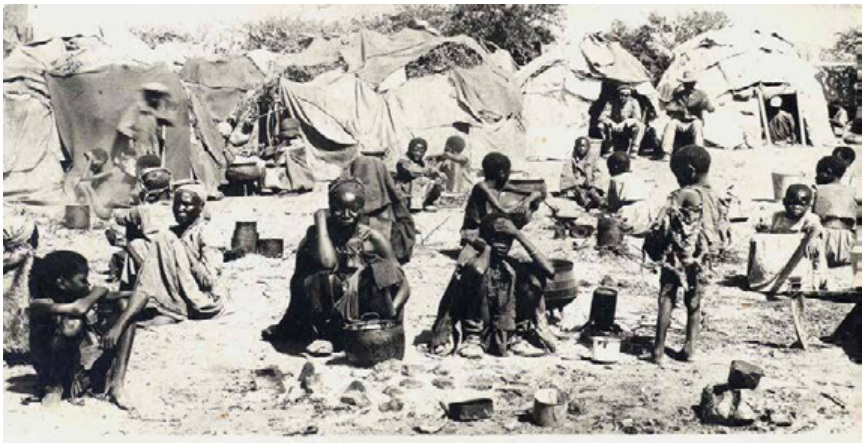
No dia seguinte, Gottschalk passou pelo campo, viu mãos esticadas pela cerca em direção a ele e uma placa com a seguinte inscrição cruel: "Por favor, não

4. Tradução de Denise Rocha.

10.47250/forident.v43n1.p27-39

alimente". Ele deveria examinar a causa da morte do gado vacinado contra a peste bovina, e constatou que eles morriam de fome. Assustado, ele escreveu, em vão, para as autoridades com dois pontos de vistas: os cadáveres das reses recém-mortas, ainda apropriadas para consumo humano, não iriam apodrecer, e evitariam o perigo de epidemias; e as vidas de mulheres e as crianças poderiam ser salvas (Timm, 2003, p. 34 a 36).

Fig. 5 – Prisioneiros *herero* em campo de concentração
Supervisão de missionários luteranos e de médicos



Fonte: https://www.facebook.com/photo/?fbid=322209648392144&set=namibian-prisoners-of-war-kept-in-the-concentration-camp-in-german-south-west-af.

Gottschalk incluiu em seu diário, na data de 23 de outubro de 1904, notas sobre a degradação humana de mulheres e crianças, concentradas em campos de prisioneiros, afastadas dos homens de suas famílias, que participaram de uma guerra perdida, antes de começar, por irresponsabilidade de Samuel Maharero, covarde e fugitivo. Anteriormente, o veterinário lamentava os assassinatos de seus patrícios, civis e militares, da destruição de postos ferroviários etc., bem como o pavor dos alemães diante de outros ataques traiçoeiros dos *herero*.

Conclusão

O objetivo do estudo, "Prisioneiros *herero* da guerra colonial alemã na África pela visão de Uwe Timm", foi mostrar, principalmente, o comportamento de dois personagens com dimensões literárias: o histórico Samuel Maharero, (1856-1923), e o ficcional Johannes Gottschalk, veterinário da Tropa de Proteção na África Alemã do Sudoeste. Além disso, a análise revelou a importância da publicação da obra, por desnudar as entranhas da engrenagem colonial no sul do Atlântico, em áreas já invadidas por missões evangélicas desde o início do século XIX.

10.47250/forident.v43n1.p27-39

O chefe supremo dos *herero*, Samuel Maharero, (1856-1923), que estudou no Colégio *Augustineum* da missão luterana de Otjimbingwe, onde se formou para o ensino e a evangelização, teve apoio político e militar do governador Theodor Leutwein, para usurpar o trono do primogênito, e traiu os alemães com um ataque inesperado. Alcoólatra e altamente endividado, aos 48 anos, ele iniciou um confronto militar com derrota anunciada, por causa do sofisticado equipamento bélico dos germanos. Inclusive seu filho primogênito, Frederick, que esteve um ano em Berlim e conheceu o Imperador, foi envolvido na guerra insana e teve que acompanhar o pai no exílio, sem poder e na pobreza.

O estudo revelou a postura irresponsável e medrosa de Maharero, que fugiu para Beschuanaland, enquanto que seu aliado, o outro chefe *herero*, Zacharias Zerauea, participante da querela, pois estava revoltado com a pena considerada injusta ao assassino de sua nora, se entregou ao Major von Estorff, em 9 de janeiro de 1905, e foi encarcerado com 470 soldados.

Muitos nativos, obrigados pelos chefes e subchefes, a participarem das lutas desiguais, culparam o covarde chefe supremo dos *herero,* Samuel Maharero, pela perda do estilo de vida na África Alemã do Sudoeste, de seus rebanhos e de suas terras.

Em *Morenga*, as imagens (Burke), fotográficas e literárias, revelam a irresponsabilidade fatal de um homem ingrato e impulsivo, Samuel, que desde a infância viveu na missão luterana, o qual, por motivos pessoais, golpeou os germânicos, de forma letal, com assassinatos, destruições de postos ferroviários, militares, civis, de fazendas etc., bem como, ele levou o coletivo de sua linhagem para uma guerra com derrota já prevista, com abandono de soldados na região desértica, com consequentes capturas, com aprisionamentos e com trabalhos forçados. Outro resultado da guerra foi o confisco de animais e de terras dos envolvidos, que permaneceram na África Alemã do Sudoeste, inclusive foram retiradas as posses de nobres *herero* e de Samuel Maharero e familiares, que viveram, de forma precária, sob a tutela de um líder nativo na colônia inglesa de Beschuanaland (atual Botsuana).

Gottschalk e Wenstrup, os dois veterinários fictícios da Tropa de Proteção, foram críticos do sistema colonial de Berlim, principalmente, dos campos de concentração, e, por não estarem inseridos no alto da hierarquia da cúpula militar, se revelam 'ex-cêntricos' na obra intertextual, classificada como 'metaficção historiográfica' (Hutcheon).

10.47250/forident.v43n1.p27-39

Referências

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Trad. de Vera Maria X. dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004.

CARL HUGO HAHN. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Carl_Hugo_Hahn. Acesso em: 13 mai. 2026.

CASTRO, Rui Felipe Gesto. O primeiro genocídio do século XX. **Estudos Interculturais**. Nº 6, p. 1-23, 2018. Disponível em: https://parc.ipp.pt/index.php/e-rei/article/view/4068/1911. Acesso em: 13 mai. 2026.

CHRISTIAN WILHELM ZERAEUA. Disponível em: https://de.wikipedia.org/wiki/Christian_Wilhelm_Zeraeua. Acesso em: 13 mai. 2026.

FREDERICK MAHARERO. Disponível em: https://de.wikipedia.org/wiki/Frederick_Maharero. Acesso em: 13 mai. 2026.

GEWALD, Jan-Bart. **Herero heroes**. Oxford, Kapstadt: Athen, 1999.

HOLLENBACH, Michael. **Deutsche Missionare kooperierten mit Konzentrationslagern**. 13 nov. 2022. Disponível em: https://www.deutschlandfunkkultur.de/kolonialgeschichte-namibia-missionare-kooperierten-mit-konzentrationslagern-100.html. Acesso em: 13 mai. 2026.

HUTCHEON, Linda. **Poéticas do pós-modernismo**: História, teoria, ficção. Trad. de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KOTEK, Joël; RIGOULOT. **Das Jahrhundert der Lager. Gefangenschaft, Zwangsarbeit, Vernichtung.** Berlin: Propyläen Vrlag, 2001.

KREIENBAUM, Jonas. Friedrich von Lindequist, koloniale Konzentrationslager und transimperiales Lernen. **Revue d´Allemagne et des pays de langue allemande**, 48-1, 2016.

SAMUEL MAHARERO. Disponível em: https://de.wikipedia.org/wiki/Samuel_Maharero. Acesso em: 13 mai. 2026.

TIMM, Uwe. **Morenga.** 4. Aufl. München: Deutscher Taschenbuchverlag, 2003.

ZACHARIAS ZERAEUA. Disponível em: https://de.wikipedia.org/wiki/Zacharias_Zeraeua. Acesso em: 13 mai. 2026.

10.47250/forident.v43n1.p27-39